



DO RESPEITO À OBEDIÊNCIA, DA PALMATÓRIA À DIVERSÃO: ESCOLA PRIMÁRIA RURAL NO ESTADO DE PERNAMBUCO (1940)

Virgínia Pereira da Silva de Ávila

Universidade de Pernambuco – Petrolina

E-mail: virginia.avila@upe.br

INTRODUÇÃO

Este texto analisa aspectos da cultura escolar primária, tomando como base o tempo, o espaço, os programas e métodos de ensino, as práticas educativas e as práticas simbólicas retratadas nas lembranças de ex-alunos (as) que frequentaram escolas primárias rurais nos estados de Pernambuco e Bahia, no primeiro quartel do século XX.

Para Souza (2000, p. 51), “os indivíduos não se formam na escola apenas como atores de papéis sucessivos a eles propostos e por isso são sujeitos históricos e não apenas atores sociais”. É nesta perspectiva que os (as) entrevistados (as), parte integrante deste estudo, são alçados à condição de sujeitos do seu tempo, protagonistas de um período em que se pretendia uma escola moderna e de inserção social, mas que manteve por longo período a contradição do progresso social representada na e pela escola isolada.¹

Na escolha do referencial teórico, privilegia-se o diálogo com diferentes autores do campo da história e da historiografia da educação, mais especificamente aqueles relacionados à história cultural, tais como: Nora (1993), Julia (2001), Frago (2001), Le Goff (2003). Por ser este um campo de investigação ainda pouco explorado,

¹ A escola pequena, isolada, aquela de um só professor, a quem se entregavam 40 alunos ou mais, funcionando quase sempre em prédio impróprio. Como definiu Lourenço Filho (1941, v. 1), era a escola típica dos núcleos de pequena densidade de população, a escola da roça, a escola capitulada rural.



pretende-se, com o presente trabalho, contribuir com o conjunto de estudos acerca da área de história da educação brasileira e, de modo especial, da história da educação pernambucana.

METODOLOGIA

O roteiro de entrevistas contemplou perguntas acerca da rotina escolar e da trajetória de escolarização. Entre as quais, se destacam: onde e quando realizou o curso primário, como era a rotina da escola (horário de entrada, recreio, saída...), como era a organização da sala de aula (número de meninos e meninas, se estudavam todos na mesma sala, se era uma turma da mesma série ou várias séries reunidas no mesmo espaço), frequência escolar, como a professora ministrava as aulas (metodologia empregada), quais as matérias ensinadas e se a escola realizava festas e comemorações cívicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tempo disciplinado é um exemplo do novo *modus operandi*, que se expressa como uma construção cultural nos rituais da escola, nos horários que vão se estabelecendo e se consolidando no cotidiano. Quando perguntada sobre a rotina escolar, a Sra. Aidil, em tom laudatório, afirma: “Entrava 7h, tudo fardado bonito, tudo de laço [...], tudo de meia e sapato fechado” (DANTAS, 2013)². Já o horário da Sra. Maria diferia um pouco: “Entrada de 8h, recreio de 10h às 10h15 e largava de 12h”. Recorda, também, que a escola não era muito perto de sua casa: “[...] mas ia a pé porque não tinha transporte” (LIRA, 2013)³.

Outro aspecto que nos fornece elementos para pensar a cultura escolar se refere ao modo de trabalho do professor e às práticas educativas. Primeiro, a ênfase dada à língua portuguesa e à matemática, domínios considerados básicos para o ensino primário. De acordo como Sr. Antônio⁴, que estudou até o 3º ano, era

² Aidil Alves de Sá Dantas nasceu em 15 de novembro de 1933, Verdejante – PE.

³ Maria do Carmo Lira nasceu em 16 de julho de 1937, Barreiros – PE.

⁴ Antonio dos Santos Vargas nasceu em 01/11/1931, Remanso – BA.



ensinado “o português mesmo, a matemática, ciências também que ela ensina às vezes pra os mais atrasados” (VARGAS, 2013).

Com relação à metodologia, os (as) professores (as), que na sua maioria possuíam apenas o ensino primário, ensinavam o que sabiam.

A metodologia usada pelos professores era bem comum, os alunos liam e davam leitura para os professores, cada um tinha o seu próprio livro, a professora cobrava também o ‘assoletamento’. As matérias eram História, Geografia, Matemática e Português (RODRIGUES, 2013b)⁵.

A gente mesmo pegava, tinha até uma pedra, uma lousa pequenininha [...] pra fazer as contas [...]. Ela [a professora] ia dizendo o que queria sobre as contas. Ela passa as contas lá naquela pedrinha pequena de mais ou menos 30 cm e dava pro aluno fazer a conta (VARGAS, 2013).

Segundo observa a Sra. Maria Ozenil,⁶ alguns professores eram mais rígidos: “[...] porque, naquela época, se você não atendesse, lhe botava de joelho, de costa pra os alunos, tinha professora, às vezes, até substituta, lhe botava de joelho no carço de milho, era um negócio muito rígido, você apanhava de palmatória” (CABRAL, 2013). Sobre os castigos físicos, a Sra. Maria Perpétua lembra que: “[...] estudávamos a tabuada, quem errava era puxado a orelha, e ainda ouvia ela dizer [a professora]: ‘porque não estudou’.

No que se relaciona à frequência e à importância atribuída à escola pelos pais, uma das entrevistadas menciona: “Lá em casa ninguém tinha direito de perder a aula não, papai era em cima [...] e ainda tinha que mostrar todos os dever de casa e o que tinha feito na escola quando chegava” (CABRAL, 2013). Ou, como lembra a Sra. Alexandrina,⁷ referindo-se às seis léguas percorridas até a escola, “Minha frequência era ótima, ia todos os dias [...], eram aulas muito divertidas, difícil uma pessoa faltar [...]. A saída era uma festa [...]” (RODRIGUES, 2013).

⁵ Maria Sindaura de Lima Rodrigues nasceu em 19 de setembro de 1934, Boqueirão, município de Cabrobó – PE.

⁶ Maria Ozenil de Menezes Cabral nasceu em 27 de julho de 1944, Pirapora – MG. Sua primeira escola foi em Parnamirim – PE.

⁷ Alexandrina Rodrigues nasceu em 19 de julho de 1934, Petrolina – PE.



Acerca dessa questão, Ávila (2013b, p.80) assinala:

A obrigatoriedade do ensino, associada à permanência dos/as alunos/as na escola, possibilitaria educá-los dentro de um padrão moral e de cooperação social que estimulam o amor, o culto e a compreensão às tradições e às instituições brasileiras, sobretudo o culto ao País.

A escola primária, neste aspecto, cumpre papel fundamental, ou seja, além dos conteúdos escolares, tem um conjunto de valores e condutas a disseminar e a internalizar tanto por professores (as) como pelos (as) alunos (as).

CONCLUSÕES

Neste estudo, procurou-se retratar as lembranças da infância e dos tempos de escola, trazendo à cena sujeitos que vivenciaram e também instituíram tempos na escola; um tempo em que a consolidação do ensino primário se torna meta no país e está associado aos princípios republicanos. Para exercer a cidadania, seria preciso dominar os códigos da língua e da escrita, como também seria preciso adotar certos valores e normas de conduta. Para apreendê-los, faz-se necessária uma sequência temporal de atividades escolares com vistas à incorporação desses códigos, seja pelo horário (que determina e fragmenta o tempo de aprendizagem), seja pelo calendário (que estipula o que será realizado ao longo dos dias, semanas, meses e anos).

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Virgínia Pereira da Silva de. *História do ensino primário rural em São Paulo e Santa Catarina (1921-1952) – uma abordagem comparada*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara-SP, 2013a.

_____. *A escola no tempo: a construção do tempo em escolas isoladas (Florianópolis - 1930-1940)*. Florianópolis: UDESC, 2013b.

_____. *A escola no tempo: a construção do tempo em escolas isoladas (Florianópolis - 1930-1940)*. 2008. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.



FRAGO, Antonio Vinão. *Fracasanlas reformas educativas?* In: Sociedade Brasileira da Educação (Org.). Educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 21-52.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, 2001. p. 9-44.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 477-523.

LOURENÇO FILHO, M. Bergstrom. Alguns aspectos da educação primária. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Elucidatário apresentado à Primeira Conferência Nacional de Educação*. Rio de Janeiro: IBGE, 1941. v. 1, p. 431-451.

NORA, Pierre. Entre a memória e história: A problemática dos lugares. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. Projeto História, São Paulo, n. 10, dezembro de 1993. p. 6 - 28.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano. *Memórias de Escola*. A Escola e a Memória. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH / Ed. EDUSF, 2000. p. 41-120.

FONTES

Entrevistas

CABRAL, Maria Ozenil de Menezes. Entrevista concedida a **Elisangela Soares da Silva**. Petrolina, 17/11/2013.

DANTAS, Aidil Alves de Sá. Entrevista concedida a **Raiane Costa de Macedo**. Petrolina, 27/10/2013.

KISHI, Maria Perpétua Faria. Entrevista concedida a **Raquel Alves Neto**. Petrolina, 30/11/2013.

LIRA, Maria do Carmo. Entrevista concedida a **Juliana Brito Silva e Lucianne Mayre dos Santos Moreira**. Petrolina, 03/12/2012.

RODRIGUES, Alexandrina. Entrevista concedida a **Isabela Souza Oliveira e Uêdja Carla Rodrigues da Silva**. Petrolina, 27/10/2013a.

RODRIGUES, Sindaura de Lima. Entrevista concedida a **Rose Meire Moreira e Rosimara Pires**. Petrolina, 07/12/2013b.

VARGAS, Antonio dos Santos. Entrevista concedida a **Lucimar Maria Alves Vargas**. Juazeiro, 21/11/2013.
